



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LITERATURA E *BULLYING*: A INFLUÊNCIA DA AUTOESTIMA NO PROCESSO DE VITIMIZAÇÃO

Lívia Cristina Cortez Lula de Medeiros

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)
E-mail: livialula@hotmail.com

Resumo: Discute-se, neste artigo, a possibilidade de se refletir sobre o *bullying* a partir da leitura de contos de fada, em situação escolarizada. Para tanto, apresenta-se a análise do conto *João-Trapalhão*, de Andersen, recorte da dissertação “Literatura e Educação: o *bullying* nos contos de fada, uma discussão possível”, onde se pode observar a importância da autoestima na configuração ou não da vitimização. Sua relevância consiste em apresentar o trabalho com a literatura como alternativa para favorecer o entendimento de crianças a respeito dessa prática de violência, esclarecendo mitos e apontando razões possíveis que tornam um indivíduo, de fato, vítima, a partir de momentos de discussão, mediados em sala de aula. Configura-se como uma pesquisa bibliográfica, cujo instrumento utilizado foi a análise de conteúdo, a partir da elaboração de categorias e unidades de contexto. Tomou-se como referencial teórico os estudos de autores da área de literatura e *bullying*, em busca de uma interface que embasasse esse trabalho. A análise mostra que as características inerentes à literatura permitem a realização de uma leitura em que o tema *bullying* possa ser discutido entre os alunos, de modo a contribuir na formação de indivíduos capazes de refletir sobre a violência entre pares.

Palavras-chave: Conto de fadas, Literatura, *Bullying*.

Selecionou-se para este estudo o conto *João-Trapalhão* (ANDERSEN, 2004), originário da dissertação “Literatura e Educação: o *bullying* nos contos de fada, uma discussão possível” (2012), desenvolvida no grupo de pesquisa Ensino e Linguagem (CNPq/UFRN) do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com o objetivo de destacar o potencial da literatura para o debate sobre o fenômeno *bullying*, a partir de um estudo bibliográfico em que se evidenciam marcas desse fenômeno em textos de contos de fada.

Sua relevância consiste em apresentar subsídios que busquem ampliar o conhecimento sobre o ensino de leitura e literatura a partir do (re)conhecimento do potencial problematizador e crítico do texto literário, fundamental para o trabalho educativo sobre a prática do *bullying* nas escolas.

Como forma de fomentar essa discussão, buscaram-se estudos sobre o *bullying* que trouxessem esclarecimentos sobre este fenômeno no que se refere ao conceito e características



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

dos envolvidos: agressor, vítima e espectador. O conceito que norteará esse trabalho é derivado das pesquisas de Olweus (2006), onde *Bullying* ou “vitimização”, caracteriza-se pela situação em que uma pessoa é atacada ou “vitimizada” e exposta, repetidamente, a ações negativas partidas de uma ou mais pessoas. (OLWEUS, 2006).

Ao traçarmos um perfil sobre o fenômeno *bullying* e embasados na análise de conteúdo (BARDIN, 2010), estabelecemos categorias que se apresentassem nas interrelações entre os agressores, as vítimas e os espectadores, são elas: *Intimidação, Demonstração de Poder, Controle sobre a Vítima; Submissão/Passividade/Medo, Atitudes de Mudança, o Desejo de Vingança; Reforço da Agressão, Omissão/Neutralidade e Atitudes Positivas*. Na análise do texto, as ações de *bullying* e expressões que mais demonstram o contexto desse tipo de violência presente no conto *João-Trapalhão* (2004), foram destacadas com o modo “*itálico*”.

Frente a essas diretrizes, apresenta-se a possibilidade de o leitor, a partir da experiência estética da leitura do texto literário, estabelecer relações com a própria vida e divagar sobre novas perspectivas e horizontes, como nos esclarece Iser (1996):

O texto literário alcança assim o grau de estranheza indispensável para que as disposições de seus receptores sejam afetadas. [...] o texto deixa de ser mero reflexo do repertório das disposições de seus leitores, pois exige deles atividades, assim possibilitando que se “abra” a hierarquia cristalizada dos constituintes psíquicos. Essa “abertura” produz um movimento que sentimos como libertação latente, pois somos capazes de suspender a exigência do censor e a validade do domínio estabelecido [...] (ISER, 1996, p. 91).

Sendo, portanto, a leitura de literatura um caminho capaz de provocar o pensamento, permitindo um paralelo entre as histórias e a realidade, em que o leitor poderá ampliar o seu poder de argumentação a respeito de assuntos antes desconhecidos, como ocorre em relação ao *bullying*, fenômeno vivenciado por muitos, mas ainda esclarecido e discutido entre poucos.

A esperteza de quem não se deixa abater

Madonna declarou: “Eu não era hippie ou fã dos Rolling Stones, então acabei me tornando esquisita. [...] Se você fosse diferente, os alunos eram bem perversos. As pessoas faziam questão de serem maldosas comigo”. Madonna confessou também que não estava disposta a virar capacho de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ninguém; por isso, quando as agressões ocorriam, em vez de se intimidar, enfatizava suas diferenças. Costumava revidar com seu estilo insubordinado [...]. Na escola, Madonna jamais se curvou ou deixou de expressar sua maneira peculiar de ser. Foi ótima aluna, líder de torcida e uma bailarina disciplinada e perfeccionista (SILVA, 2010a, p.97).

Silva (2010a) apresenta, em seu livro, histórias de pessoas que passaram por situações de *bullying* na infância/adolescência e que, não apenas superaram, como se tornaram personalidades mundialmente conhecidas. Uma destas é a cantora Madonna, que foi agredida, pelos colegas de escola, por ser diferente na maneira de se portar e vestir, mas que não se deixou abater frente à violência sofrida, tornando-se uma das cantoras mais premiadas do mundo. Assim ocorre com o personagem principal do conto João-Trapalhão, obra de Andersen, datada de 1837, que, apesar do tratamento recebido por parte do pai e dos irmãos, consegue ir em busca de seus objetivos e alcançá-los, o que muito nos faz refletir sobre o sentido da palavra “obstinação”, na busca pela realização pessoal.

A história se inicia com o anúncio da princesa à procura de um marido. Sua única exigência é a de que o rapaz seja bom com as palavras. Esse anúncio leva todos os homens do reino a desejarem desposá-la e, para isto, tratam de treinar o dom da oratória, na presunção de que, quando a encontrassem, não tivessem dificuldade em conquistá-la.

Assim fizeram os dois filhos de um velho proprietário que se imaginavam muito inteligentes - cada qual que afirmasse estar mais preparado para ser o escolhido da princesa.

Estes dois jovens se prepararam uma semana inteira para o namoro. Era o máximo de tempo que dispunham, mas isto lhes era o bastante, porque sabiam coisas apreciáveis. Um deles sabia de cor todo o dicionário em latim e o texto do jornal da cidade, dos últimos três anos. [...] O outro era profundo conhecedor dos artigos da lei e sabia de cor o que todo advogado tem a obrigação de saber. [...] e ele sabia uma coisa a mais: sabia bordar suspensórios [...] tinha bom gosto e dedos hábeis (ANDERSEN, 2004, p. 2-4).

Frente a tantas habilidades, o velho pai dá a cada um dos filhos um belo cavalo para que estes pudessem correr em busca do destino tão almejado: casar com a princesa. No momento em que se preparavam para partir, eis que chega o outro irmão, conhecido como João-Trapalhão, que, por não ter qualquer talento excepcional, nem mesmo era considerado filho, como destaca a passagem: “Naquele momento apareceu o terceiro irmão, pois na



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

verdade eram três filhos, mas *ninguém o considerava* porque *ele não tinha o preparo dos outros dois. Ele era conhecido como João-Trapalhão*” (ANDERSEN, 2004, p. 4).

Sem saber o que estava se passando, João-Trapalhão pergunta aos irmãos para onde eles estão indo tão arrumados e estes lhe falam sobre o anúncio da princesa. Imediatamente, João-Trapalhão demonstra o desejo de ir também e pede auxílio ao pai (*atitude de mudança*). Na hora é menosprezado pelos irmãos, que riem da sua pretensão. O pai, à semelhança dos dois filhos, *intimida* João, fazendo pouco da sua iniciativa, numa *demonstração de poder*, como se pode observar no seguinte trecho:

- Pai querido, *me dá um cavalo!* – disse João Trapalhão – Ando com uma vontade doida de me casar. Se a princesa quiser casar comigo, casa. Se não quiser, eu caso com ela assim mesmo, pois ela tem que ser minha!
- *Não fale bobagens!* – disse-lhe o pai. – *Não lhe dou cavalo nenhum. Nem falar direito você sabe! Você não sabe usar as palavras.* Seus irmãos sim, são rapazes espertos (ANDERSEN, 2004, p. 4).

João-Trapalhão, ao contrário de se abater diante de tão cruel afirmação, demonstra não se importar com a agressão e, de pronto, consegue encontrar uma alternativa para o seu problema, resolvendo ir no seu bode - “*Ele é meu e pode me carregar muito bem*” (ANDERSEN, 2004, p. 4) - rumo ao palácio da princesa, com muito senso de humor, cantando pela estrada “Upa! Upa! Upa! *Lá vou eu!* – gritava João-Trapalhão, e ia cantando, em voz bem alta, que ressoava longe” (ANDERSEN, 2004, p. 5).

Os indivíduos que se tornam vítimas de *bullying* apresentam uma diferença crucial em relação à atitude de João-Trapalhão, pois eles “absorvem” as agressões sofridas e passam a se sentir extremamente mal, sem saber como agir ou reagir frente aos agressores. É importante destacar-se que reagir de modo frontal aos *bullies* pode apenas piorar a situação.

A propósito, Beane (2010) discute o perigo de os pais, ao saberem que seu filho é vítima de *bullying*, tenderem a incentivar a criança ou jovem a revidar ou a enfrentar sozinho o problema, ressaltando o quanto é errado incitar a criança a ir de encontro aos seus agressores, pois, mesmo que ela “ganhe a briga”, poderá sofrer retaliação em vez de conquistar o desejado respeito. É ilusória a ideia de que, ao vencer, a vítima ganhará *status* capaz de impedir que os *bullies* venham a importuná-la novamente.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Segundo esse autor é papel dos pais e da escola, a partir da constatação desse tipo de prática, traçar estratégias de como ajudar as crianças e jovens. A conscientização, através do conhecimento, com o apoio de toda a comunidade escolar, na promoção de discussões sobre o assunto, é sim, a melhor alternativa para se prevenirem as ocorrências desse fenômeno nas escolas. De acordo com Tognetta (2003), um bom caminho para semear o respeito e a solidariedade é por meio do trabalho em grupo.

[...] as experiências entre iguais, em grupo, implica o reconhecimento de que esses iguais são diferentes. Têm necessidades, pensamentos, sentimentos, opiniões que se divergem, e pela experiência da troca, do convívio, do conflito, isso se torna passível de ser observado, compreendido e aceito (TOGNETTA, 2003, p. 23).

Assim, a convivência entre pares deve ser sempre estimulada, a fim de que os sujeitos possam conhecer uns aos outros e compreender que todos têm qualidades e defeitos que devem ser respeitados.

Os espertos irmãos de João-Trapalhão, entretanto, não parecem ter construído o respeito pelo outro, pois não perdem uma oportunidade de caçoar do irmão, tentando *intimidá-lo* com suas ações “Os irmãos riram-se dele e partiram a galope (ANDERSEN, 2004, p. 4). João-Trapalhão, por sua vez, enfrentando as adversidades, alcança os dois irmãos na estrada, que, calados, demonstram estar bastante compenetrados, pensando em todas as brilhantes ideias que precisavam ter para o tão esperado encontro com a princesa.

Enquanto isso, João-Trapalhão lhes mostra o seu primeiro grande achado na estrada; uma gralha morta, o que faz com que seus irmãos logo o indaguem: “– Mas, Trapalhão...!!! – disseram. – O que você vai fazer com isto? – Com a gralha? Ora, vou dá-la de presente à princesa. – Ótimo! Faça isso! – disseram os dois [irmãos] rindo” (ANDERSEN, 2004, p. 5).

João-Trapalhão, mesmo alvo de tanta chacota, continua o seu caminho com o mesmo alto astral e faz questão de mostrar aos irmãos, com entusiasmo, as outras coisas que achou em meio a estrada “- [...] olhem o que eu achei desta vez [...] – Isto é somente um tamanco velho, faltando a parte de cima. *Também vai oferecê-lo à princesa?* [perguntaram os irmãos] – *Certamente que irei!* – respondeu João-Trapalhão. *E mais uma vez os irmãos riram [...]*” (ANDERSEN, 2004, p. 8).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A elevada autoestima de João-Trapalhão faz com que ele não se abale emocionalmente e é por esta razão que, na vida real, pessoas que apresentam confiança em si mesma, geralmente, não se submetem aos *bullies*.

É baseado nesse tipo de entendimento que Olweus (2006) afirma que os desvios de aparência não são os pontos principais quando se trata da escolha da vítima. Assim, pessoas acima do peso, magras demais, de óculos, com cabelo crespo etc. podem, perfeitamente, nunca sofrerem *bullying*. A timidez se torna, nesse meio, uma característica muito mais visada pelos agressores, que desejam exercer poder e dominar psicologicamente a vítima. Afinal, como acreditam os *bullies*, é em decorrência dessa característica que a vítima acentuará ainda mais seu isolamento social, o que a torna uma presa fácil.

O pai e os irmãos depreciam a maior qualidade de João-Trapalhão: a criatividade. Contudo, este sabe que a tem e qual o valor disto. Por esta razão, tem a confiança de que é capaz de casar-se com a princesa. Dessa forma, ser chamado de “Trapalhão” é o que faz camuflar a sua verdadeira esperteza, frente à pretensa inteligência dos irmãos.

É, portanto, com muita esperteza que João-Trapalhão encontra o seu terceiro e último achado na estrada. Os irmãos veem que se trata de lodo de pântano e imediatamente João-Trapalhão concorda: “- Certamente que é! – disse ele. – Mas é lodo da melhor qualidade; ele é tão liso que escorre através dos dedos. E encheu seus bolsos de lodo (ANDERSEN, 2004, p.8).

Até esse momento, em que João-Trapalhão revela o terceiro presente, os irmãos dele têm certeza de que ele é mesmo um bobo - afinal, somente um bobo seria capaz de imaginar que uma princesa daria valor a uma gralha morta, um tamanco velho e um punhado de lodo! - e seguem a viagem convictos de que João-Trapalhão não passaria de motivo de piada para a princesa.

Ao chegarem à cidade, os dois irmãos avistam muitos outros pretendentes que vão se amontoando, organizadamente, em fileiras, enquanto aguardam a chance de mostrarem seus dons à princesa. O que se passa a ver, tão logo inicia-se a apresentação, é que um a um vai sendo desprezado e escorraçado do salão, por não atingir a exigência da bela donzela.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

E a situação não é diferente com os dois “sábios” irmãos de João-Trapalhão, que, devido à astúcia da princesa, perdem a fala ao entrarem no salão, assim como os demais candidatos.

Por fim, veio aquele irmão que sabia o dicionário em latim de cor. Mas ele não o soube agora. Ele tinha esquecido tudo completamente. Isto porque havia ficado na fila por longo tempo, sobre um soalho que rangia e debaixo de um teto de espelho onde se via de cabeça para baixo. [...] E o mais terrível ainda é que tinham colocado tanto fogo na lareira, que a sala parecia em brasa (ANDERSEN, 2004, p. 9).

Tudo o que o primeiro irmão conseguiu falar ao entrar na sala foi: “- Como está quente aqui!” e a princesa retrucou: “- Sim, Meu pai está assando franguinhos hoje” (ANDERSEN, 2004, p.9). Mas o rapaz não estava preparado para responder àquela afirmação e tudo o que conseguiu emitir foi um barulho semelhante ao de uma ovelha: “- Ba..a..!” (ANDERSEN, 2004, p.9). O segundo irmão foi acometido da mesma má sorte, o calor não o deixou raciocinar e, diante da exclamação da princesa, não conseguiu falar nada além de: “O quê!? Ass... o quê?! – gaguejou ele” (ANDERSEN, 2004, p.9), sendo, conseqüentemente, rejeitado por ela.

É interessante como a situação de ser “pegado de surpresa” é capaz de desestabilizar muitas pessoas que se afirmam autossuficientes, inclusive os *bullies*. Pode-se notar que, especialmente quando estão sozinhos, diante de uma circunstância desconhecida, essa autossuficiência pode desaparecer, isto porque o *bully* precisa de plateia, a fim de que possa fortalecer seu poder e mostrar aos outros que é o melhor do grupo. É tanto que, quando encontra alguém que põe em xeque sua bravura, o *bully* pode acabar como os irmãos de João-Trapalhão: sem ter, literalmente, o que dizer. Por esta razão é que Middleton-Moz e Zawadski (2007, p. 19), em seus estudos, afirmam: “Os *bullies* têm poder porque lhes damos esse poder através da nossa apatia e de nosso silêncio”.

O enfrentamento ao *bullying*, como já mencionado, não significa revidar com violência os atos de agressão sofridos. Há, de acordo com Middleton-Moz e Zawadski (2007), estratégias que podem ser adotadas pela vítima no intuito de não se curvar, assim como fez João-Trapalhão frente às atitudes dos irmãos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O primeiro passo, segundo as referidas autoras, é romper com a corrente de negação que a vítima tem com o seu agressor. Para isto, é fundamental ter-se consciência de que o comportamento do *bully* é culpa, única e exclusivamente, do próprio *bully*, de modo que a vítima nunca se repreenda pela agressão que está sofrendo. O segundo passo é aprender a não rotular para si o mau comportamento do agressor e, sim, buscar adquirir autoconsciência e o apoio da família e da escola. O terceiro passo é aprender quais são as táticas e o estilo que o *bully* costuma usar para atacar, pois, assim, a vítima poderá ter tempo de se “preparar” quando se sentir em perigo, e o quarto passo é aprender habilidades sobre como lidar de maneira eficaz com o agressor, na intenção de evitar que a vítima se torne refém emocional deste.

Os insultos que ele [*bully*] está jogando sobre você não são você. Eles são o mau comportamento dele. Muitas vezes, quando nos deparamos com o abuso de um *bully*, defendemo-nos dos ataques àquilo que *fizemos* e personalizamos os ataques ao que *somos*. A arma do *bully* se torna eficaz porque ficamos paralisados de vergonha (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKY, 2007, p. 33, grifo das autoras).

Por isso, é tão importante que a vítima busque trabalhar os pontos que ela mesma considera fracos, para que não venha a ser alvo do agressor, pois, o *bully* tem percepção aguçada para descobrir os “calcanhares de Aquiles” de quem ele estiver querendo vitimar, encontrando, justamente, o ponto mais vulnerável do alvo, capaz de desestabilizá-lo.

Buscar ajuda, nessa situação, torna-se imprescindível e o apoio é, sem dúvida, um grande aliado para quem deseja superar o problema, permitindo à vítima acreditar mais em si, dando-lhe confiança.

Os *bullies* são especialistas no uso de técnicas de intimidação. Repetidamente, usam comportamentos [...] para ganhar poder e controle sobre outros, para estimular suas necessidades de poder ou para fazer com que as coisas sejam como desejam. [...] Eles dependem de gerar confusão, medo ou sentimentos de impotência em quem pretendem fazer de vítima. [...] forçá-los a perder o controle faz com que ganhem controle sobre a situação (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKY, 2007, p. 33).

Como tática para não perder o controle, Middleton-Moz e Zawaski (2007) propõem etapas a serem seguidas pela vítima. São elas: olhar nos olhos do agressor, não permitindo que o *bully* perceba que está no domínio da situação; utilizar linguagem corporal confiante, com



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

gestos condizentes com o tom de voz; concentrar-se em interromper as agressões, procurando ser claro ao falar; e, por fim, ter convicção da sua postura diante do agressor.

Decerto, para seguir essas orientações, fazem-se necessários empenho e vontade da vítima, além de uma boa dose de coragem, o que não é tarefa fácil, se se levar em consideração a baixa autoestima que se apodera da vítima. Por esta razão, mais uma vez, destacamos o importante papel a ser desempenhado pelos pais e integrantes da escola, que devem ser os apoios nessa caminhada, buscando resgatar a autoestima da vítima, de modo a não deixá-la esmorecer frente às armadilhas planejadas pelo agressor.

Foi exatamente a confiança em si mesmo que fez João-Trapalhão, mesmo diante das ofensas dos irmãos, não pestanejar em relação aos seus planos, continuando convicto de que suas ideias, para conquistar a princesa, dariam certo.

Diante do insucesso dos irmãos, que não conseguiram impressionar a princesa, chega a vez de João-Trapalhão, que cheio de originalidade, adentra a sala montado no seu bode. Assim como todos os outros, ele também sente o imenso calor que se apodera do salão e exclama: “- Bem! Está abominavelmente quente aqui! disse ele. – Sim! É porque estou assando franguinhos hoje! – replicou a princesa.” (ANDERSEN, 2004, p.9). Foi nessa hora que, João-Trapalhão, contrariando a ideia do pai de que ele não era bom com as palavras, retruca de imediato: “Isso é ótimo! – exclamou – Então eu suponho que você possa assar também uma gralha para mim” (ANDERSEN, 2004, p.9).

É possível perceber que João-Trapalhão ao contrário dos irmãos que vieram por todo o caminho pensando em belas palavras, tratou de conseguir objetos que o pudessem ajudar no diálogo com a princesa. Ele não sabia o dicionário de latim de cor, nem as leis que um advogado deve saber, mas tinha uma qualidade que os outros rapazes do reino não possuíam: a criatividade, e acreditava nesse seu potencial.

Por isso, destacar as qualidades da vítima é um ponto importante a ser levado em consideração, quando se pretende elevar o conceito que esta tem de si mesma. Olweus (2006) afirma que incentivar as habilidades de uma vítima de *bullying* dar-lhe-á a oportunidade de concentrar suas energias de maneira positiva, aumentando, conseqüentemente, sua autoestima. Esse incentivo positivo pode resgatar a vítima da sensação de que é um fracasso.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O herói da história, com toda a perspicácia, consegue, então, num primeiro momento, chamar a atenção da princesa e já alcança um patamar a que nenhum outro pretendente havia chegado. A astuta princesa assente ao pedido de João-Trapalhão em assar a gralha e continua o diálogo: - Mas você tem alguma coisa para assá-la? Eu não tenho aqui nem pote nem panela (ANDERSEN, 2004, p.10). E o Trapalhão, que de bobo não tem nada, mostra-lhe o tamanco velho, afirmando ser uma panela com alça de estanho e põe a gralha morta em cima. A princesa, entretanto, ainda não está totalmente convencida da habilidade comunicativa de João-Trapalhão e lhe faz mais uma pergunta: “- Mas o que nós temos para o molho?” (ANDERSEN, 2004, p.10). Sem titubear, retruca João-Trapalhão, “- Oh! Eu tenho em meu bolso! [...] – Tenho tanto que dá para botar fora” (ANDERSEN, 2004, p.10).

Com essa rápida resposta, João-Trapalhão ganha, verdadeiramente, a atenção da princesa, que exclama: “- Eu gosto disso! [...] – *Você sabe dar uma resposta. Sabe usar as palavras. Quero-o para meu marido*” (ANDERSEN, 2004, p.10).

Esse conto não se caracteriza totalmente como *bullying*, apesar do despreço que o pai e os irmãos de João-Trapalhão demonstram por ele, isso porque o herói da história não se incomoda com as críticas de seus agressores e, como se viu, para o *bullying* existir, na relação entre pares, é necessário que o agredido se sinta mal diante das provocações e xingamentos.

Todavia, é possível suscitar uma discussão sobre o fenômeno *bullying* já pelo modo como o personagem principal é chamado: “João-Trapalhão”, remetendo pejorativamente para a forma como este era visto por todos os que o rodeavam.

Silva (2010b) destaca a identificação de um dos sujeitos da sua pesquisa com o conto João-Trapalhão, ao relacionar o apelido do personagem com a sua própria experiência de ser apelidado de “quatro olhos” pelos colegas. Esse episódio se torna interessante por nos apontar para a função dos contos de fada como um espaço de projeção, em que o ouvinte se identifica com o personagem e pode refletir sobre a sua condição na vida real (BETTELHEIM, 2007).

Segundo essa autora, a leitura e discussão desse conto possibilitaram àquele sujeito a coragem de expressar os seus sentimentos em relação ao apelido que tanto o incomodava, mostrando aos seus agressores o quanto aquilo lhe fazia mal, o que fez com que esses *bullies* também analisassem os seus atos, resultando num pedido de desculpas coletivo da turma.



Essa atitude de reconhecimento dos *bullies* promoveu a transformação de postura daquele aluno que, antes bastante introvertido, passou a expor suas opiniões durante as sessões de leitura, acarretando mudança visível em relação sua autoestima, que nada mais é que reflexo das novas maneiras com que aquele aluno passa a enxergar a sua condição, a partir da leitura/discussão do conto em questão. Isso porque o personagem João-Trapalhão, mesmo sendo agredido, apresenta uma autoestima positiva, demonstrando saber como se portar diante de cada adversidade e, assim, superando-as ao evidenciar as suas qualidades, que refutam, substancialmente, a visão que todos tinham dele: a de um “trapalhão”.

Considerações Finais

Sem dúvida, esse conto permite o debate sobre o modo como o sujeito pode encarar os obstáculos, sem esmorecer frente às investidas dos agressores, dando indícios de que, quando o sujeito acredita em si, passa a não mais ficar à mercê da opinião dos outros, o que mostra que a autoestima está vinculada à visão que o sujeito constrói da sua própria condição, frente aqueles que o cercam.

O caso apresentado por Silva (2010b) em seu trabalho demonstra uma das inúmeras maneiras de como o conto pode ser encarado pelos leitores, apontando, na prática, para o envolvimento propiciado pela Literatura, que poderá tornar-se um caminho para a reflexão sobre conflitos que prejudicam a convivência harmônica entre os pares, no ambiente escolar.

Certamente se deve construir um debate de modo que a vítima perceba que, como qualquer ser humano, tem suas qualidades - afinal ninguém é totalmente mau ou bom, como representado nos contos de fada (BETTELHEIM, 2007). É exatamente valorizando o seu lado bom que a ela poderá vencer os obstáculos criados por seu agressor e encontrar a felicidade em ser o que é, assim como fez João-Trapalhão.

A confiança é, portanto, uma característica que deve ser motivada na construção da identidade da criança e os contos de fada podem vir a ser um instrumento importante nesse processo, pois apresenta à criança a ideia de que é possível superar desafios, libertar-se da opressão e seguir um caminho feliz.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Assim, esse conto leva o leitor a refletir sobre a construção que ele é capaz de fazer da sua própria imagem, ou seja, a sua autodeterminação, assim como a postura assumida diante das outras pessoas, despertando a consciência de que o modo como se enxerga pode influenciar, de forma substancial, as relações que serão estabelecidas no seu convívio social.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Andersen: João-Trapalhão e O Soldadinho de Chumbo.** Projeto Gráfico de Mary França e Eliardo França. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do bullying.** Tradução de Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** 21. ed. Tradução de Arlete Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** Tradução de Der Akt des Lesens. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MEDEIROS, Livia Cristina C. L. de. **Literatura e Educação: o bullying nos contos de fada, uma discussão possível.** 2012. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2012.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary. **Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos.** Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: what we know and what we can do.** Malden: Blackwell, 2006.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010a.

SILVA, Nívea Priscilla Olinto da. **A leitura de literatura na escola: por uma educação emocional de crianças na educação infantil.** 2010. 215f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2010b.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TOGNETTA, Luciene Regina P. **A Construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola:** uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2003.